

Estado x Igreja: ensaio sobre o caso "El Cuervo" na Argentina

Ms. Edgar da Silva Gomes

RESUMO:

O artigo apresenta uma problematização sobre a relação Estado - Igreja na Argentina no período da Ditadura Militar, após alguma indefinição sobre qual postura tomar em relação as propostas do Concílio Vaticano II, o clero 'progressista' cedeu espaço para uma Igreja determinada a implementar reformas 'moderadas' e encarar os projetos do Estado como assunto da Igreja por temer os avanços socialistas em marcha naquele contexto. O fio condutor deste artigo para demonstrar esta postura assumida é o recente julgamento do padre Von Wernich.

ABSTRACT:

The article presents a problematic about the connection STATE/CHURCH in Argentina under the military dictatorship, after any indefiniton about which side, which position to be in relation to the proposals of the VATICAN II, the progressist clergy give space to a determined Church to make moderated reforms and face the State's projects as a Church subject because they are afraid of the socialist advances going into that context. The mean point in this article that shows this opinion is the recent judgment from Priest Von Wernich.

INTRODUÇÃO

A América Latina foi colonizada sob o signo do padroado dando continuidade a relação Estado – Igreja que remonta a época constantiniana onde o catolicismo foi ganhando status de religião oficial de Estado e acumulando os favores de reis e imperadores convertidos ao catolicismo, seus súditos

foram transformados em fiéis, muitos 'convertidos' ao fio da espada, por exemplo, esse foi em alguns casos o método de Carlos Magno (768-814). Ao final deste período – a idade média – a Europa sofreu com continuidades – descontinuidades nas suas políticas onde grandes impérios começaram a ceder espaço para os Estados nacionais em 'formação – consolidação'.

No início do período moderno a denominada expansão marítima e sua política mercantilista nos é particularmente caro. Período marcado pela 'descoberta' do novo mundo onde se encontravam os autóctones sem fé, lei ou rei que 'careciam' de uma doutrina civilizadora. Esta tarefa foi assumida pelo catolicismo, que envolveu o poder político na empresa da expansão do cristianismo numa política de concessões que foi sendo ampliada desde a primeira bula de Nicolau V.

Ao reino português as bulas do papa Nicolau V dava sustentação às conquistas do oriente, para o Novo Mundo esta atitude coube ao esdrúxulo plano de poder pessoal de Alexandre VI e suas trocas de interesses com os monarcas 'mui católicos' da península Ibérica. Inicialmente favoreceu os espanhóis, seus conterrâneos, depois aos portugueses. O papa intermediou essas conquistas para elas não se perderem nas prováveis disputas que surgiriam caso desdenhassem de um em detrimento de outro.

Uma marca destas 'certificações' pela Igreja decorria do interesse do catolicismo na ocupação do mundo 'desconhecido' antes que os mouros expulsos da península Ibérica o fizessem. A Igreja que recebera terras e influência política ao longo do período medieval, passou no crepúsculo do medievo a 'doadora' como forma de perpetuar uma relação ambígua que pode ser analisada por prismas dos mais variados ao longo da história da igreja. Mas após quase dois séculos desta quebra explícita da união entre Estado e Igreja em algumas das regiões latinas americanas essa relação que instrumentalizou o catolicismo e seus 'funcionários' continua sendo desafiadora para a análise e compreensão dos cientistas sociais.

Se a Igreja foi profética em diversas ocasiões – principalmente na América Latina – sofreu com a perseguição de Estados pseudo - democráticos de nosso continente. Segundo Nestor Canclini a análise da sociedade e da cultura hodierna merece um olhar transdisciplinar para se chegar a uma explicação da coexistência de diversas estruturas sociais que agregam passado – presente – futuro, onde 'tanto as camadas populares quanto as elites, combinam a democracia moderna com relações arcaicas de poder' (Canclini, 1989).

Quando o catolicismo procura atuar, segundo seus preceitos se opondo aos interesses contra evangélicos, podemos nos apoiar mais uma vez em Canclini que comenta que os tradicionalistas imaginam uma América Latina constituída por uma cultura nacional e popular 'autêntica' tentando preservá-la entre outras coisas das influências estrangeiras, neste caso a Igreja passa a ser uma instituição estrangeira contra os interesses nacionais.

Quando o catolicismo não reza pela cartilha de tal e tal estado latino americano, este passa a ser uma influência 'estrangeira', mas quando no caso, reza pela cartilha do Estado e apóia os seus governantes, sua influência torna-se bem vinda, pois condiz com os planos de dominação propostos pela elite dominante, mas com isto a Igreja se deixa instrumentalizar pelo Estado e seus seguidores – do catolicismo – sofrem com as conseqüências dessa relação prostituída.

Reafirmo que: Igreja profética não combina com estado populista ou de métodos truculentos como foi o militarismo nos anos de 1960-1990, o estado antidemocrático é um vício latino americano análogo à fênix mitológica, sempre ressurgindo das cinzas. Neste sistema o catolicismo sofreu perseguição do aparelho estatal toda vez que não se deixou instrumentalizar pelo Estado, mas a pior conseqüência é para seus seguidores quando essa relação ultrajante beneficia os poderosos, é um mal para a história da Igreja quando a instituição servidora por princípio se enamora do poder.

La ya dos veces milenaria historia del cristianismo está signada por la tension entre las opciones radicales que propone el Evangelio y su concreta cristalización histórica, entre la fidelidad al mensaje religioso y la disciplina, entre el carisma y la institución. Distintos momentos de la vida del cristianismo, diferentes tradiciones espirituales, teológicas y políticas, han dado lugar a también disímiles interpretaciones del contenido originário de la predicación de Jesús y han inspirado consecuentes modalidades de funcionamiento institucional. Puede ser que, teológicamente el mensaje sea el mismo 'ayer, hoy y siempre', pero no puede decirse lo mismo de la experiencia cristiana contemplada em perspectiva histórica. (Stefano; Zanatta, 2000).

No texto acima dos historiadores Roberto Di Stefano (argentino) e Loris Zanatta (italiano), em sua 'Historia de la Iglesia Argentina', após mais de quatrocentas páginas escritas chegam ao epílogo de seu trabalho - que

não deve ter sido de fácil construção - a constatação de todo historiador que se debruça na difícil tarefa de através dos diversos 'recortes históricos' falar do catolicismo em geral, e na história da Igreja Argentina relembram a interessante frase de Émile Poulat: 'la barca de Pedro se ha convertido en un gran transatlântico'.

Como analisar uma instituição multifacetada como se tornou a Igreja Católica? Assumamos que esta não é tarefa fácil, pois em muitos casos o mais correto é apontar pistas ao invés de se fechar em veredictos. É delicado transitar num contexto que ainda está sob o calor das paixões e envolvido por interesses nem sempre de todo acessível para o historiador.

Por isso tentarei expor sem esgotar o tema, uma opinião sobre algo ainda em construção na história da Igreja na Argentina, que nos revela um pouco da convivência Estado – Igreja no período da Ditadura Militar naquele país, ou seja, numa história onde o catolicismo se funde e se confunde muitas vezes com a história do país, onde houve sempre uma forte influência do catolicismo sobre suas decisões políticas, mesmo em assuntos que em muitos países após suas independências mesmo que apenas 'pro forma' recusaram a ingerência da Igreja nos assuntos de Estado na Argentina. A Igreja esteve quase sempre enfronhada nas decisões que norteavam a vida da sociedade.

A exceção do Brasil que após sua independência continuou sendo 'Um Império entre Repúblicas' (Bernard Denis, 1997), as nações latino americanas em formação consignaram diferentes tipos e prazos de 'modus vivendi', para se relacionarem com a Santa Sé e, no caso o Brasil, continuou sendo um estranho no ninho, mantendo o sistema de padroado Brasil mesmo após sua 'situação de país independente', rompendo este sistema apenas através do Dec. 119-A de 7 de janeiro de 1890, quase dois meses após a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889.

Como sublinhado acima, o Estado argentino e a Igreja Católica sempre mantiveram uma relação altamente complexa em sua história. Na Argentina, a partir da década de 20 do século passado alimentou-se o sonho da construção de uma grande potência latino americana com cunho nacionalista, foi apoiada 'por intelectuais oriundos das tradicionais classes dirigentes (...) em alianças com setores políticos, da Igreja Católica (...) com orgulho, os nacionalistas consideravam a Argentina como o mais fiel representante da tradição latina, hispânica e católica na América Latina' (Beired, 2001).

Avançando um pouco no tempo, a Argentina dos anos 70 do século vinte alinhou-se com a 'moda' sul-americana do militarismo na direção do país engendrando o terror na sua forma de agir, a truculência impunha a convivência entre o poder e seus contestadores, onde como no Brasil 'Revolvers e cassetetes da polícia (...) cederiam lugar a fuzis e metralhadora das forças Armadas; botas, tanques, (...) do outro lado da rua, barricadas, panfletos, palavras de ordem, o charme da rebeldia (Frei Betto, 2006), é coincidentemente igual o desconforto de comentar uma triste página como esta que ainda é muito presente no cotidiano latino-americano para quem cruzou a barreira dos quarenta e poucos anos, para os jovens hodiernos esta é uma lembrança jornalística, mas é uma história ainda assim muito presente.

Ao que tudo indica, os argentinos pretendem trilhar um futuro mais sério e justo onde o passado é resgatado na procura de se fazer justiça no presente, para no futuro não se envergonharem de sua história, pois citando mais uma vez frei Betto 'Todas as prisões políticas são igualmente cruéis e ridículas' nos anos de chumbo na América Latina foi crime negar a divindade do Estado, fazendo uma analogia com a citação de frei Betto sobre César e o Império romano e sobre a ousadia de Jesus em negar implícita e explicitamente os poderes de seu tempo. No século XX latino americano, o peso do Estado se fazia sentir para os que contestaram a ordem estabelecida e, copiando a ação de Judas alguns representantes do clero argentino preferiram se vender a César e negando o caminho proposto por Jesus.

Hans Küng comenta em sua obra 'A Igreja Católica' que: 'o sacerdócio universal dos crentes deve ser levado tão a sério quanto a importância das igrejas locais na estrutura da igreja como um todo', e que 'os bispos (...) devem exercer uma responsabilidade pública e colegial para comandar a igreja inteira' nesta dinâmica quando se carrega o peso da importância de uma instituição como a Igreja Católica que nunca se pode perder de vista, que 'o detentor de um cargo oficial não está acima do povo de Deus, mas sim dentro dele, não é soberano, mas sim servo' (Hans Küng, 2001).

Nesta dinâmica apresentada por Hans Küng 'El Cuervo' o padre argentino que está sendo acusado de convivência com o regime Militar como colaborador de um sistema combatido no Brasil por Bispos como D. Hélder Câmara, D. Pedro Casaldaglia, D. Hipólito e o Cardeal Arns entre outros.

O padre 'El Cuervo' é apenas mais um personagens de uma época? Ou revela a reputação hodierna do catolicismo naquele país como sendo uma instituição conservadora aliada ao Estado? Generalizando, o que parece, é que a Igreja carrega este fardo de ser: 'uma instituição que se consolidava como uma grande fonte poder se omitindo de toda a violência que estava sendo empreendida para a consolidação do Estado'.

Segundo relatos extraídos do site do jornal parisiense 'Le Monde' cidadãos que estavam enfrentando um rigoroso frio em frente ao tribunal de La Plata faziam coro acusando o padre Christian Von Wernich de assassino, apesar de o antigo capelão negar qualquer responsabilidade sobre as acusações pelas quais foi preso em 2003: 'cumplicidade em 42 seqüestros, 31 casos de tortura e 7 assassinatos durante os 'anos de chumbo' (1976-1983)', mas segundo o mesmo site, o padre está sereno, protegido no tribunal, quando se apresenta por um vidro blindado e um jaleco a prova de balas.

O militante peronista Ruben Schell, apresentado na matéria do 'Le Monde' confirma com suas palavras as suspeitas que recaem sobre o sacerdote: 'os piores sofrimentos que eu enfrentei não foram causados pela tortura com eletricidade, e sim pela tortura moral infligida por Von Wernich' apesar de não citar as torturas morais, em um país de forte formação católica o desvio de conduta de um representante da Igreja que teoricamente deveria estar ao lado do oprimido causa feridas profundas na instituição. Ruben Schell acrescentou ao jornalista que o entrevistou: 'Venho sofrendo até hoje sempre quando penso que um padre pode ter perpetrado tais atos'. Segundo as evidências:

O capelão se valia do seu sacerdócio para atrair a confiança dos presos e extrair deles informações, prometendo-lhes que assim fazendo, eles evitariam a tortura. 'Vocês imaginam tudo aquilo que um padre pode representar nesses momentos de terror e de sofrimento? É como se Deus em pessoa viesse para estender-lhe a mão quando na verdade, é o diabo que está na sua frente', testemunhou Julio Mirales, que fora seqüestrado em junho de 1977 junto com o seu irmão, sua mãe e seu pai, todos torturados e então libertados quatorze meses mais tarde pelos militares, os quais alegaram ter cometido 'um erro'.

Outras testemunhas se recordam da figura alta e delgada do hoje sexagenário sacerdote que está 'sentado' no banco dos réus para ser julgado

onde mais de uma centena de testemunhas estão relacionadas para depor nos processos envolvendo casos de seqüestros, crianças desaparecidas, torturas, desaparecimentos e mortes nos 'anos de chumbo'. Para as mães da Praça de Maio está tão viva toda esta situação, que ainda é possível ver nos rostos sofridos uma esperança de justiça, e é para isto que ainda continuam com seu protesto.

O zelo missionário dos primeiros evangelizadores foi acompanhado de um autoritarismo quase que intrínseco com o modo de ser daquele período, a empresa missionária do século XVI foi acompanhada de diversas dúvidas naquele contexto em relação aqueles povos e aquele modo de vida, mas a missão dependia do Estado e a Igreja se aliou ao Estado autoritário e se deixou instrumentalizar por ele. Vozes proféticas se levantaram em defesa das populações oprimidas, não foram poucos os Montesinos e Las Casas que poderiam ter se calado.

Mas hoje quase cinco décadas após as transformações propostas pelo Concílio Vaticano II, após Medellin contextualizar e convidar a América Latina a viver o concílio, como é possível que ainda seja possível conviver com esta situação humilhante para a história da Igreja? O Estado deve mesmo estar ligado a estes projetos de poder? Como justificar o injustificável? Não seria este um bom momento para colocar em práticas o que já foi sistematizado, contextualizando as propostas da década de 60 do século passado na realidade do século XXI? Somente assim será dado um passo em direção aos problemas enfrentados pelo catolicismo na América Latina. Começaríamos assim a entender o problema da evasão de fiéis, o indiferentismo de parcela dos fiéis com as práticas oficiais da Igreja Católica nos países da América Latina e Europa. O processo enfrentado por um clérigo na Argentina provoca um processo de grande desgaste para a imagem do catolicismo.

Não basta recorreremos as fraquezas humanas, negá-las também é uma atitude de insanidade, mas é o caso de um olhar mais atento ao nosso interior e perceber que o papel da Igreja Católica deve estar acima das paixões desordenadas e enquanto a relação da religião com o Estado permanecer dominado por castas e estamentos que visam o próprio interesse, vamos permanecer em um atraso visceral, o bem comum não pode ser colocado de lado, interesses particulares não podem subjugar o coletivo comprometendo a dignidade humana. A Igreja livre e isenta de ideologia partidária deve reivindicar a justiça social.

Igreja e Estado devem ser soberanos em seus campos apropriados, independentes um do outro, a colaboração mútua de existir é bem vinda e não a aliança de interesses e o pragmatismo. O Estado deve prescindir de toda legitimação sacral para cumprir com isenção seu papel de guardião dos direitos do cidadão e a Igreja não pode ser assistencialista e submissa ao Estado atrás de um saudosismo que ronda muitas vezes a sua porta. Há uma volta do fenômeno religioso perceptível pelos estudiosos das ciências da religião e sociologia, uma procura que nem sempre está vinculada a uma religião ou seja, o homem está procurando expressar sua fé, mas nem por isso relacioná-la a uma instituição.

Atitudes que julgamos isoladas podem causar transtornos incomensuráveis em nossas vidas, hoje somos julgados pelo que fazemos e pelo que deixamos de fazer, a Igreja Católica é ainda hoje uma instituição respeitada pela população latina Americana, segundo Kenneth Serbin que estudou as relações entre eclesiásticos e militares no Brasil o catolicismo 'adquiria seu famoso papel de 'voz dos que não têm voz' contra as atrocidades e injustiças da ditadura' (Serbin, 2001), num diálogo ideológico de acusação e contra-acusação na disputa das duas maiores instituições do país para influenciar a sociedade.

Serbin também detecta que é um diálogo entre poder e fé, para Serbin é um diálogo entre adversário e ele pergunta: 'Quando se dialoga com o adversário?'. Muitas vezes quando a fé pretende ter o poder e se esquece de sua função na sociedade, não que o catolicismo deva abdicar de seus direitos de ser um ator político, no entanto deve saber como empregá-lo em favor de quem é de direito: o marginalizado social.

Não é o poder pelo poder que a Igreja deve buscar, pois o poder pelo poder é um risco para uma instituição com sua capacidade de agregar valores. Ivan Manoel argumenta em sua obra 'O pêndulo da história' que a Igreja deve estar sempre atenta aos sentimentos que ela consegue despertar na sociedade:

Não se brinca impunemente com a história! Quando uma instituição vinte vezes secular, como é o caso da Igreja Católica, seguida por milhões de fiéis que é respeitada até pelos seus inimigos e adversários, (...) ela arrasta consigo forças incomensuráveis, provoca jogos de poder e desencadeia envoltimentos que nem sempre pode controlar ou sequer prever os resultados. (Manoel, 2004)

Na Argentina a partir dos anos setenta do século vinte, a Santa Sé tinha como prioridade restabelecer a unidade da instituição eclesiástica e do mundo católico argentino, esta tarefa ficou a cargo do anúncio apostólico em Buenos Aires que não deveria apenas lidar com o aspecto disciplinar, mas também fechar todas as feridas abertas no seio do catolicismo argentino e reunir no episcopado homens capazes de erradicar a radicalidade das chamadas ‘alas progressistas’ produzidas pela mensagem conciliar. O restabelecimento da unidade exigia um complexo processo doutrinário fazendo uma releitura moderada da mensagem conciliar diferente da proposta dos ‘teólogos da libertação’.

Com a ascensão dos militares ao poder: ‘No es casual que las listas de sus víctimas – entre las que figuran obispos, sacerdotes, religiosos y laicos de la Iglesia ‘progressista’ – por um lado y, por el outro, las de todos aquellos que lês habían prestado um apoyo’ (Stefano; Zanatta, 2000).

Este acontecimento é analisado na história da Igreja da Argentina como uma triste prova de que o catolicismo não soube resolver ‘em casa’ seus conflitos internos provocando uma triste ruptura e muitas vezes a morte de seus pares por falta de um diálogo. Com o novo regime instalado e o saudosismo rondando a porta Estado e Igreja, se realinham na busca do ‘mito nacional’ baseados na ‘fé e cidadania, nação e religião’, a Igreja monopolizou este ideal de sociedade aliando-se ao Estado contra os ideais liberais – socialistas que rondavam a América Latina, tornando-se assim consequentemente cúmplice das atrocidades dos militares.

O pavor do episcopado do clero, e até mesmo por parte dos ‘renovadores’ era que com uma abertura, a entrada do ‘marxismo’ pudesse enfraquecer o fundamento católico da nação argentina alterando uma ordem social desejável pela Igreja. Para esta reflexão sobre este período da história da Igreja na Argentina, a base está em Di Stefano e Zanatta que afirmam que: ‘De todo esto hay amplia evidencia em la documentación eclesiástica de la época, si bien solo uma pequeña parte es accesible (...) la documentación no deja dudas sobre la continuidad de fondo que existió (...)’. Corroborando com Di Stefano e Zanatta o teólogo Ruben Dri fez esta análise das características da Igreja Católica na Argentina que segue abaixo:

‘A hierarquia católica argentina é conhecida como uma da mais reacionárias (...) Aqui aconteceu um movimento nacionalista católico, a partir da década de 30, em que os setores da Igreja

estiveram muito comprometidos com o exército. Na década de 90 do século XIX, quando a oligarquia modernizou o Estado, isto significou um golpe muito forte para a Igreja católica. Como perdeu poder político, fez um trabalho de recuperação da hegemonia a partir da sociedade civil. Criou a imprensa católica, deu cursos a operários, organizou o ensino provado; realizou o Congresso Eucarístico nacional de 1934, onde mostrou o seu poder na sociedade civil, e dialogou diretamente com o poder político. Nessa contra-ofensiva, se afirmou um tipo de nacionalismo que foi se definindo cada vez mais como de direita, com relações com o exército. Não é causalidade: cria-se uma Igreja de direita, conservadora, com vertentes fascistas e um exército com essas mesmas características.' (Ruben Dri – por Claudia Korol e Liliana Daunes)

A proposta deste ensaio não é emitir juízos e valores sobre um caso particular vivido atualmente pelo catolicismo na Argentina, a saber: o julgamento do padre Von Wernich. Mas, refletir sobre o papel que a Igreja e fiéis devem desempenhar na sociedade hodierna; resgatar o papel missionário e o sentido de 'Ser Igreja' na atualidade, onde os mecanismos do moderno / pós-moderno, com sua opção pelo consumismo de toda espécie, seduz e provoca a vulnerabilidade em homens e mulheres fora e dentro do catolicismo.

BIBLIOGRAFIA

- SERBIN, Kenneth P. Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Cia. da Letras, 2001.
- AQUINO, Maria Aparecida. Censura, Imprensa, Estado autoritário (1968-1978). Bauru: EDUSC, 1999.
- FERRI, Marilda; SYDOW, Evanize. Dom Paulo Evaristo Arns: um homem amado e perseguido. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DUSSEL, Enrique. História da Igreja Latino – Americana (1930-1985). 2. ed. São Paulo: Paulus, 1989.
- MAHN-LOT, Marianne. A conquista da América Espanhola. Campinas: Papirus, 1990.
- BETTO, Frei. A mosca azul: reflexão sobre o poder. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- KÜNG, Hans. A Igreja Católica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

- KOROL, Claudia; DAUNES, Liliana. Argentina: entre o poder e a fé. In. ADITAL. Cone sul, uma Igreja para a liberdade. São Paulo: Loyola, 2003.
- BERNARDES, Denis. Um império entre repúblicas. 5. ed. São Paulo: Global, 1997.
- SOUZA, Ney. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In. GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs.). Concílio Vaticano II: análise e perspectivas. São Paulo: Paulinas, 2004.
- LEGRAND, Christiane. Padre que auxiliava os torturados argentinos é alvo de processo. Trad. Jean-Yves de Neufville. Site LE MOND. In. Uol Mídia Global 14/08/2007.
- GOMES, Edgar da Silva. Censurado: O jornal o São Paulo e a Ditadura Militar (1964-1985). *RCT*, São Paulo, Ano XIII, n. 50, p.137-155, [jan/mar] 2005.

Edgar da Silva Gomes
Doutorando pela PUC-SP.